

WALTER BENJAMIN: A PREDOMINÂNCIA DA FORMA MERCADORIA NO EXPOSÉ DE 1935 MARIA THAÍS DA SILVA DA CRUZ	115
O ENSINO ÉTICO PARA A FORMAÇÃO HUMANA EM KANT PATRÍCIA SILVEIRA PENHA	128
SUPERSTIÇÃO: ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA VALTERLAN TOMAZ CORREIA	144

REFLEXÕES ACERCA DO PENSAMENTO DE KANT SOBRE “A PRÓPRIA PERFEIÇÃO DE CADA UM” E A “FELICIDADE DOS OUTROS”, A PARTIR DA OBRA “A METAFÍSICA DOS COSTUMES – A DOCTRINA DA VIRTUDE”

ANA CLÁUDIA SERRA LÔBO*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca do pensamento de Immanuel Kant sobre “A Própria Perfeição de Cada Um” e a “Felicidade dos Outros”, a partir da obra “A Metafísica dos Costumes”– “**A Doutrina da Virtude**”. Refletir sobre o homem e seu dever de moralidade, a partir do pensamento kantiano. Colocar o homem no centro das discussões e despertar nele a sua responsabilidade para o agir moral, como que demonstrado por Kant. O homem como o único ser capaz de fazer uso da razão, do entendimento e fazer suas escolhas, sem se afastar do dever ético, e isso está ligado à sua própria perfeição e a felicidade dos outros. Este artigo tem o compromisso de aduzir o pensamento de Kant e conectá-lo ao homem contemporâneo. Uma vez que, Kant concebe o indivíduo moral como consciente de sua liberdade sem que seja necessária uma intervenção do outro sobre ele. Para Kant o conceito de moralidade está diretamente relacionado com o sujeito moral, que embora possua suas inclinações naturais é

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, Advogada, com especial atuação na área de Resolução de Conflitos. Professora Concursada da Secretaria da Educação do Estado do Ceará e Professora Convidada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

possível se afastar delas para agir de forma moral. Agir de forma ética, e tendo um fim em si mesma.

Palavras-chave

Ética. Homem. Reflexão. Dever. Kant.



REFLECTIONS ABOUT KANT’S THINKING ABOUT “THE PERFECT PERFECTION OF EACH ONE” AND THE “HAPPINESS OF OTHERS”, FROM THE WORK “THE METAPHYSICS OF MORALS”–“THE DOCTRINE OF VIRTUE”

Abstract

The aim of this article is to present reflections on Immanuel Kant’s thinking about “The Perfection of Each One” and “Happiness of Others”, from the book “The Metaphysics of Morals”–“The Doctrine of Virtue”. Reflect on man and his duty of morality, from the Kantian thought. To put man at the center of the discussions and to awaken in him his responsibility for moral action, as demonstrated by Kant. Man as the only being able to make use of reason, understanding and make his choices, without departing from the ethical duty, and this is linked to his own perfection and the happiness of others. This article is committed to embodying Kant’s thinking and connecting him to contemporary man. Since Kant conceives of the moral individual as conscious of his freedom without the intervention of the other upon him necessary. For Kant, the concept of morality is directly related to the moral subject, who, although possessing his natural inclinations, is able to depart from them to act morally. Act ethically, and have an end in itself.

Keywords

Ethic. Man. Reflection. To owe. Kant.



Na obra “A Metafísica dos Costumes” – na segunda parte intitulada de “Doutrina da Virtude”, de 1797, Immanuel Kant apresenta diversas reflexões acerca da ética e o que ela, de fato, representa na vida do homem, sua relação com os outros e consigo mesmo.

No texto, Kant diz que, na antiguidade, a “ética” significava, em geral, a teoria dos costumes (*philosofiamoralis*), também conhecida como teoria dos deveres. Com o passar do tempo foi reservado para “ética” uma parte da teoria dos costumes, que seria a doutrina das virtudes, e que essas não estão ligadas às leis externas, e sim às leis internas. Desta forma, a doutrina que está conectada com os deveres às leis externas, é chamada de “Doutrina do Direito” e a que está ligada à ética, que são os deveres do homem consigo mesmo e com o outro é a “Doutrina da Virtude”. Então, a reflexão acerca do pensamento de Kant sobre “a própria perfeição de cada um” e a “felicidade dos outros”, está inserida na doutrina da virtude.

Logo no início da obra, Kant apresenta o conceito de “dever” e diz que este é um constrangimento, uma coação, da livre escolha por meio da lei. O constrangimento apresentado pelo filósofo é dividido em duas formas, o constrangimento externo e o auto constrangimento. O primeiro diz respeito ao que é imposto ao homem de forma externa, através do direito (*ius*), das leis. O segundo, que é o auto constrangimento, é o dever interno, ou seja, dever ético.

Então, quando a lei moral se coaduna com a lei externa, temos o dever ético, temos a ética. Ou seja, quando o homem, um ser livre (moral), percebe que o dever, mesmo vindo de forma externa, toca a sua vontade (o estímulo), a sua determinação interna e a sua liberdade de escolha, se tem aqui o conceito de dever ético.

O dever e o seu entendimento é humano e somente o homem tem a capacidade de compreendê-lo e fazer uso dele. Mas isso não retira dele o lado ligado à natureza, que são os impulsos naturais, que, de certa forma, atrapalham e distanciam a alma humana do cumprimento do dever. Como aduz Kant (2003, p.224):

Impulsos da natureza, conseqüentemente, envolvem obstáculos na alma do ser humano ao seu cumprimento do dever e forças (por vezes podero-

sas) que a ele se opõem, ao que ele precisa avaliar que é capaz de resistir e subjugar pela razão, nem em ocasião no futuro, mas imediatamente (no momento em que pensa no dever): ele tem que considerar que pode fazer o que a lei lhe diz incondicionalmente que ele deve fazer.

Desta forma, o homem é razão e ao mesmo tempo traz consigo os impulsos da natureza, que também fazem parte dele, e somente ele é capaz e responsável pelo seu distanciamento a caminho da liberdade, a caminho de uma doutrina da virtude. Uma vez que Kant aponta que o homem tem dentro de si o apoio e a força necessária para resistir de forma intencional e deliberada ao injusto, tudo aquilo que surge contra a disposição moral deve ser afastado de forma racional por ele. Ao fazer isso, o homem está fazendo uso da coragem (*fortitudo*), que é um dom natural. Desta forma, a doutrina da virtude cuida dos deveres da liberdade interior que o homem tem.

É necessário ser ressaltado que no homem existem os impulsos da natureza e também os dons naturais, os talentos do espírito. Isso pode ser apreciado na obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, na qual Kant diz que o homem tem consigo vários dons naturais, como por exemplo, o discernimento, a capacidade de julgar, a coragem, a decisão, e que esses são qualidades do temperamento, ou seja, são os talentos do espírito que já são trazidos pelo homem, e o que vai definir se esses dons serão bem aproveitados por ele, direcionado para atitudes boas, é a vontade e o caráter do sujeito. Inicialmente, pode-se perceber que os talentos naturais supracitados são importantes para qualquer pessoa, mas é, de fato, o que o homem irá fazer com eles que o definirá.

Kant diz que tudo está ligado a uma limitação, ou melhor, que as coisas boas devem caminhar com a limitação, com exceção da “boa vontade”. Kant (1960. p. 23), esclarece que:

A boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão-somente pelo querer, isto é em si mesma, e, considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais alto do que tudo o que por seu intermédio possa ser alcançado em proveito de qualquer inclinação, ou mesmo, se se quiser, da soma de todas as inclinações.

Então, a boa vontade e o caráter do homem, o conduzirá para as boas ações e para a felicidade, uma vez que a boa vontade consiste no querer agir bem. Se afastar das inclinações naturais que muitas vezes atrapalham o homem no seu dever moral é plenamente possível e real, uma vez que, o sujeito é dotado de razão e da boa vontade que o ajudarão nesta caminhada, e, com isso, ele conseguirá fazer com que o seu agir alcance um fim, que é fruto do ato de liberdade.

Assim sendo, Kant diz que a faculdade de resistir às inclinações sensíveis e aos vícios, uma vez que estes são contrários ao dever, e, por conseguinte, se opõe à disposição moral do homem, é um dever interno (virtude). Para tanto, a parte da doutrina geral dos deveres que se caracteriza pela liberdade interior, é uma doutrina da virtude. Então, para Kant, a ética é o sistema dos fins da pura razão prática, ou seja, um fim que é objeto da livre escolha. Destarte, o agir humano está relacionado ao seu fim, que também é um dever. Kant (2003, p.228-229) diz na “Doutrina da virtude” que:

Um fim é um objeto de livre escolha, cuja representação o determina para uma ação (pela qual o objeto é instaurado). Toda ação, portanto, possui o seu fim; e uma vez que alguém não pode ter um fim sem este próprio alguém transformar o objeto de sua escolha num fim, ter qualquer fim de ação, seja qual for, constitui um ato de liberdade da parte do sujeito agente e não um efeito da natureza. Mas porque este ato determinante de um fim é um princípio prático que prescreve o fim ele mesmo (e assim prescreve incondicionalmente), e não o meio (por conseguinte, não condicionalmente), trata-se de um imperativo categórico de pura razão prática, e portanto, um imperativo que liga um conceito de dever aquele de um fim em geral.

Desta forma, tendo um fim no agir humano, há também um imperativo categórico que com ele se relaciona. O fim aqui apresentado não é aquele que se verifica dentro dos impulsos sensíveis da natureza humana, mas das escolhas livres dos objetos, que o homem faz. Segundo Milene Consenso Tonetto, que expõe sobre o pensamento kantiano, no seu artigo intitulado “A perfeição própria e a felicidade alheia na Doutrina da virtude”, a autora diz que “O fim é, portanto,

um objeto do livre arbítrio (*Willkür*), cuja representação o determina para uma ação. Toda ação tem um fim e isso não deve ser um efeito da natureza, mas um ato da liberdade do agente” (TONETTO, p.183).

À vista disso, fica demonstrado que é necessário perceber o fim da ação humana, sem vinculá-lo ao meio, perceber a importância do imperativo categórico de pura razão prática, que une o conceito do dever a um fim em geral. Kant aponta dois deveres que também são fins em si mesmo, que são a “perfeição de cada um” e a “felicidade dos outros”. O filósofo de Königsberg afirma que a perfeição e a felicidade não podem ser permutadas ou afastadas uma da outra, visto que, a perfeição de cada um e a felicidade dos outros estão intimamente ligadas e são deveres da mesma pessoa, com o fim em si mesmo. Então, a própria perfeição do homem, para Kant, é aquela que resulta do cultivo das faculdades de cada um, as disposições naturais e tem o entendimento como sendo a maior delas. A perfeição deve ser compreendida no sentido físico e no sentido moral do homem. Com relação à busca da perfeição física, Kant (2003, p. 231), apresenta que:

Um ser humano tem o dever de erguer-se da tosca condição de sua natureza, de sua animalidade (*quoadactum*) cada vez mais rumo à humanidade, pelo que somente ele é capaz de estabelecer ele mesmo fins; tem o dever de reduzir sua ignorância através da instrução e corrigir seus erros. E não é meramente que a razão tecnicamente prática o aconselha a fazê-lo como um meio para seus outros propósitos (ou arte); moralmente a razão prática o comanda absolutamente e faz desse fim o dever dele, de modo que possa ser digno da humanidade que dentro dele reside.

Segundo Kant (2003, *ibid*), a perfeição no sentido da moral humana é aquela que:

Um ser humano tem o dever de conduzir o cultivo de sua vontade à mais pura disposição virtuosa, na qual a lei se converte também no incentivo para suas ações que se conformam ao dever e ele acata a lei a partir do dever. Esta disposição é perfeição interior moralmente prática. Uma vez que é um sentimento do efeito que vontade legisladora dentro do ser humano exerce sobre sua capacidade de agir de acordo com sua vontade, é denominado *sentimento moral*, um sentido especial (*sensusmoralis*), por assim dizer.

Isto posto, pode se concluir que a perfeição, tanto a física quanto a moral, depende do próprio homem e que a razão prática moral é aquela que ordena o fim do dever em si mesmo. Desta maneira, os fins só podem ser estabelecidos pela própria pessoa e não por outrem, mesmo que para isso o homem tenha que se utilizar da autocoerção e da autodeterminação. Deve ressaltar também, que cabe ao outro a sua perfeição e ao próprio homem a dele. Tonetto aduz que,

Assim, se alguém quer se tornar perfeito e fazer jus ao fim da sua própria pessoa, isso implicará, entre outras coisas, que se procure e promova a capacidade de realizar todos os tipos de fins possíveis. E uma vez que os fins só podem ser estabelecidos pela pessoa através da autocoerção, a perfeição própria será possível pela autodeterminação e não pela imposição e coerção dos outros. Para Kant, “é uma contradição propor-me como fim a perfeição de outrem e considerar-me obrigado à sua promoção” (TL, AA 06: 386). A perfeição de outro homem como pessoa consiste precisamente em que ele mesmo seja capaz de se propor o seu fim de acordo com seu conceito de dever. É contraditório propor-me um fim que somente a outra pessoa pode realizar. (TONETTO, p.185)

Um outro dever abordado por Kant é a felicidade dos outros. Na obra “A Metafísica dos Costumes” –na “Doutrina da Virtude” ele inicia a exposição das ideias afirmando que a busca pela felicidade é algo inevitável e que o homem a deseja e a busca. Uma satisfação consigo mesmo, não é aqui um fim, mas sim, um dever.

O pensador de Königsberg diz que é forçoso exigir de alguém que promova a felicidade do outro, ou seja, para Kant (2003, p. 232), “Quando se trata de eu fomentar felicidade como um fim que é também um dever, é forçoso, conseqüentemente, que seja a felicidade de outros seres humanos, de cujo fim (permitido) faço assim o meu próprio fim também”. Com isso, o filósofo alemão diz que cabe a cada um decidir o que de fato vai estar atrelado à sua felicidade e é facultado ao outro recusar coisas impostas por terceiros, sobre o pretexto de fazer-lhe feliz. Logo, ninguém tem o direito de exigir do outro aquilo que é seu, ou da sua competência.

É da competência de cada um se afastar das inclinações viciosas,

para seguir nos caminhos do dever moral, que pode caminhar junto com a felicidade. Desta forma, diz Kant, que a adversidade, o sofrimento e a carência, se caracterizam como grandes possibilidades para a violação do dever, e diz ainda que a prosperidade, o vigor, a saúde e o bem-estar em geral, poderiam ser utilizados como fins para a promoção da felicidade do próprio homem e não simplesmente a do outro. O que de fato tem que ser percebido, aduz Kant, é que o fim não é a felicidade do sujeito, mas sim, a preservação da sua moralidade para que o afaste dos vícios e o aproxime, como consequência, da felicidade. De acordo com Kant (2003, p. 232), “...a felicidade não passa de um meio para a remoção dos obstáculos para sua moralidade - um meio permitido, uma vez que ninguém tem o direito de exigir de mim que sacrifique meus fins, se estes não forem imorais”.

No artigo “A questão do reconhecimento ético do outro na doutrina da virtude de Kant”, expõe Pedro Merlussique (2010, p.255):

[...]quando se trata do sujeito fomentar a felicidade como um fim que é também um dever, é forçoso que seja a felicidade de outros seres humanos. Kant mostra que a adversidade, o sofrimento e a carência constituem grandes tentações para a violação do dever. Ao passo que prosperidade, vigor, saúde e o bem-estar em geral, impedem a influência daqueles. Com efeito, não se trata da felicidade do outro, mas da preservação de sua integridade moral, a qual constitui seu fim e, também, seu dever.

Assim sendo, a busca pela felicidade, pela prosperidade, não é diretamente um dever, mas pode ser indiretamente, e o que de fato é um dever é a preservação da integridade moral, que constitui o fim e o dever do homem. Então, para Kant, é importante que o homem não utilize o outro como meio para se alcançar determinado fim, e nem faça as coisas sobre o olhar atento do outro, o que de fato é importante é o homem agir de acordo com a sua integridade moral, por ser um dever e ser um fim em si mesmo.

CONCLUSÃO

Então, para concluir, é necessário perceber o outro e se perceber, respeitá-lo e se respeitar, agir de forma ética, de forma virtuosa, isso

faz parte da obrigação humana, ou seja, do dever que o homem tem consigo mesmo. Agir sem pensar em recompensas, ou para afastar castigos e punições, são atos voltados para o dever das ações virtuosas, desta forma, são ações que não apresentam vícios.

O homem deve afastar-se dos vícios e conduzir-se utilizando suas virtudes, seus princípios e seguir seu caminho sabendo que é importante e que a sua ação tem reflexo direto sobre as pessoas e sobre a sociedade, por isso que é fundamental ser propositivo e reflexivo. As pessoas devem aprender a se importar com seus semelhantes, não os selecionando demais, e ainda achar que a escolha de uns em detrimento de outros é algo normal e faz parte da vida, e aqueles que observam e criticam esse tipo de comportamento são pessoas que vivem dentro de uma utopia, de uma fantasia, por não aceitarem as coisas e as pessoas como são.

Infelizmente, o que se percebe hoje é que a própria família está fragmentada, é formada por diversos grupos pequenos que se relacionam, entre si, apenas. Ou seja, dentro da própria família há a presença da seleção, de exclusão de pessoas, e isso terrivelmente, é tido como algo normal que faz parte do ser humano, se aproximar de uns e desprezar outros. O afunilamento das relações está cada vez mais em evidência, por tudo não passar de um jogo de interesses, onde quem tem mais, tem mais valor, e quem tem menos, não tem valor nenhum. Isso leva o homem para o sofrimento, para as relações frágeis, mascaradas. Desta forma, fica claro o quanto é atual e crucial o pensamento kantiano estampado na obra “A Metafísica dos Costumes” – “Doutrina da Virtude”, que aponta como dever do homem a sua felicidade e a perfeição dos outros. Conforme Kant (2003, p. 229), “A perfeição e a felicidade não são intercambiáveis aqui, de sorte que a própria felicidade de cada um e a perfeição dos outros seriam convertidas em fins que seriam em si mesmos deveres da mesma pessoa”, ou seja, faz parte da mesma pessoa a sua própria felicidade e a perfeição do outro.

Então, ainda trazendo para os dias atuais, o que pode ser afirmado é que é urgente que as pessoas compreendam a importância das ideias trazidas por Kant na obra supracitada, e que possam perceber que é

perfeitamente possível e real viver em um mundo sem ver o outro como inimigo, ou como um meio de se alcançar algo, um fim. O homem não precisa fazer seleção de pessoas para conviver, sobre o pretexto da afinidade, ou seja, aquele que se parece com ele nas atitudes, pensamento e classe social ele convive, e aquele que se difere muito dele ele o afasta, ou o ignora, havendo assim a seleção de pessoas e se criando um mundo cheio de incoerências e de truculências, quer dizer, um mundo difícil de viver.

Por fim, é necessário dizer, que as pessoas, apesar do caos que estão inseridas, fruto do mundo moderno, mundo capitalista, competitivo, consumista, recheado de aparências e máscaras, são capazes sim de reverem suas ações e escolhas, com a finalidade de se alcançar o dever do agir com virtudes, o dever do agir bem, e agir bem, simplesmente, pelo fato de ser um dever em si mesmo. O agir bem do homem, com traços de virtudes, que apesar de ter um fim em si mesmo, como diz Kant, não se esgota nele mesmo, pois além de proporcionar sentimentos e ações positivas para quem o realiza, faz com que se tenha uma comunidade melhor, uma vez que se terá um homem melhor, mais virtuoso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FELDHAUS, Charles. *Kant e a ética de virtudes contemporânea*. Universidade Estadual de Londrina. Dissertatio, UFPel [42, 2015]
- KANT, Immanuel. *A Metafísica dos Costumes*. Tradução Edson Bini. 1ª ed. Bauru: EDIPRO, 2003.
- _____. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução por Paulo Quintela. Edições 70, Lda., Lisboa, 1960.
- MERLUSSI, Pedro. *A questão do reconhecimento ético do outro na doutrina da virtude de Kant*. *Revista Cadernos da Graduação* [on-

line]. N.8, Campinas: UNICAMP, 2010. Disponível na Internet: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cadernosgraduacao/article/view/550>>

TONETTO, Milene Consenso. *A perfeição própria e a felicidade alheia na Doutrina da virtude*. *Revista Studia Kantiana* [on-line]. N.14, Natal: SKB, 2013, junho 2013. Disponível na Internet: <<http://www.sociedadekant.org/studiakantiana/index.php/sk/article/view/135>> ISSN 2317-7462

